

9

Considerações finais

O problema dos estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história (...) A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas a sua dignidade e torna difícil o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada (...) Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias também podem ser usadas para empoderar e humanizar (...) Quando descobrimos que há muitas histórias, recuperamos um tipo de paraíso.

Chimamanda Adichie

A presente tese procurou apresentar o desenvolvimento e os resultados de uma pesquisa que se debruça sobre o discurso de internos de um complexo penitenciário do Rio de Janeiro. O trabalho reconhece a existência de um tipo de narrativa de história de vida relevante culturalmente para o grupo sob escrutínio – a narrativa de adesão ao tráfico –, e descreve sua estrutura, funções e aspectos interacionais no enquadre de que emergiram. Na presente seção, procurarei alinhar mais uma vez o caminho teórico-analítico percorrido, além de tecer algumas considerações finais sobre as contribuições do trabalho.

Não é fácil adentrar a área dos estudos sobre crime e violência. No capítulo 2, que dá início às reflexões teóricas aqui privilegiadas, procurei ressaltar as ambiguidades inerentes às reflexões acadêmicas sobre o tema, que, comumente, demonstram uma indecisão quanto às verdadeiras vítimas dos processos duplamente cruéis que servem de moldura para a criminalidade tal como ela é apresentada em nossos dias. Dentre os muitos discursos que concorrem nos embates sobre o tema, destaquei aqueles que de uma forma ou de outra entendem que os protagonistas das histórias sobre crime condensam, a um só tempo, os papéis de vítimas de processos de exclusão e responsáveis pelo sofrimento de seus pares. Essa lente dupla não é, entretanto, consensual. Nos discursos oficiais e no senso-comum, prevalece a culpabilização do indivíduo como discurso hegemônico. No caso do grupo escolhido para informar os dados desta pesquisa,

por exemplo, como se viu, pela maneira como estão alocados em penitenciárias cujo propósito é reformar uma alegada personalidade periculosa, esses indivíduos estão tácita e aprioristicamente posicionados como verdadeiros culpados pelas mazelas sociais.

Ter acesso aos estudos sociológicos sobre desvio e estigma – revisados no capítulo 3 – foi fundamental para que este trabalho começasse a alinhar seus contornos atuais, a partir, principalmente, de uma teorização muito diferente daquela que permeia o universo jurídico e que ratifica de maneira convincente o relativismo de noções tão naturalizadas pelo senso-comum. A partir da adoção de uma perspectiva sobre o desvio que o toma como rótulo resultante de interações intrincadas, em muitos planos, envolvendo acusadores, acusados e uma série de relações de poder entre organizações oficiais e não oficiais (Becker, 1963), percebi que uma das possibilidades para uma pesquisa que adentra o universo prisional seria contribuir para a reflexão sociológica sobre esse fenômeno, tomado aqui como parte de embates discursivos que distribuem identidades sociais estereotipadas.

Norteadada por essa abordagem, procurei, tentativamente, construir um percurso de análise que preenchesse as lacunas e indicações deixadas por Becker em seus estudos – “é preciso pensar no que o desviante faz em sua rotina, o que pensa sobre si mesmo, a sociedade e suas atividades” –, o que implica estudar os discursos a partir dos quais as imputações de desvio são aceitas, rejeitadas e discutidas. Ainda que os embates literais dos processos acusatórios de que fala Becker não estejam disponíveis a esta pesquisa, considero que eles sejam virtualidades sempre manifestadas no modo como as pessoas aprendem a interpretar sua experiência e materializam essa interpretação nos seus discursos. Analisá-los foi, então, a atividade de que procurei me ocupar.

O cerne do que está apresentado nesta tese, então, consiste na articulação dessas ideias com duas perspectivas analíticas (além de uma terceira apresentada ainda embrionariamente como indicação de estudos futuros). Na primeira delas, dou relevo à abordagem de Goffman sobre estigma, e procuro localizar as marcas e manejos da identidade estigmatizada na minha interação com os internos, dentro da ocasião específica que reproduz microscopicamente um tipo de atividade social em que desviantes cotidianamente se engajam: o “encontro misto”. Cumpre lembrar que reivindico o estatuto de encontro misto a esta própria pesquisa, que,

ao promover encontros de desviantes – os internos participantes –, com não-desviantes – os pesquisadores –, encenou no micro espaço prisional as estratégias e expectativas de evitação de confronto que marcam as interações em geral e ganham contornos e tensões particulares naquelas em que há clara assimetria na distribuição de poder e identidades.

O capítulo 5, como foco na categoria também goffmaniana de trabalho de face, tratou justamente da delicada situação em que um par – ou um grupo – fundado na diferença precisa estabelecer uma relação social e manter fluida a interação, negociando os rótulos pré-disponíveis de modo a não desafiar a autoimagem sustentada localmente, promissoriamente ameaçada pela própria natureza do encontro. Viu-se, nesse sentido, como as estratégias interacionais de evitação indiretividade e digressão (mudanças no enquadre) estão a serviço da neutralização e normalização do desvio da identidade deteriorada, garantindo aos entrevistados o sustento das fachadas de “cidadão consciente”, “entrevistado solícito” e “aluno amistoso”.

Adicionalmente, esta tese lança um olhar mais esmiuçado sobre uma forma discursiva, emergente das entrevistas e central para sua abordagem, que pode ser entendida como mais uma manifestação em que o trabalho de face comparece. Na segunda lâmina de análise, as noções de desvio e estigma aparecem articuladas aos encaminhamentos que caracterizam certos estudos sobre narrativas de história de vida. Becker sugere que o indivíduo desviante, embora consciente da rotulação estigmatizante de suas ações, permanece sensível aos padrões culturais canônicos da sociedade, e que, frequentemente, produz justificativas para sua trajetória, de modo a atenuar, frente aos seus pares, sua condição desviante. Essa observação se encaixa – perfeitamente, me parece –, com as teorias sobre narrativa que a concebem como uma prática discursiva que ordena e normaliza a experiência extraordinária de um indivíduo nas redes de expectativas e significados disponíveis na cultura de que ele é parte.

No capítulo 7 deste projeto, apresentei três exemplos representativos do que nomeei ‘narrativas de adesão ao tráfico’: as histórias de José, Jorge e Lúcio, todos internos-faxinas da unidade prisional em que a pesquisa se realizou. Tais narrativas foram compreendidas como estratégias de neutralização, uma vez que os entrevistados parecem ter consciência sobre a excepcionalidade de suas entradas para o crime e sobre os padrões sociais que desabonam tal escolha. Suas

narrativas – um mundo possível montado discursivamente – são amarradas por sistemas de coerência (Linde, 1993) que, baseados em versões “pop” do marxismo ou da psicologia, justificam a trajetória desviante, atribuindo às opressões do sistema ou às fatalidades da vida a responsabilidade sobre essa condição.

Procurei, ainda, nessa análise narrativa, demarcar pelo menos três características recorrentes das quais os sistemas de coerência acima mencionados aparecem como princípio organizador: i) a rede de sequencialidades e causalidades que aloca um determinado evento de opressão como o ponto disruptivo ou de virada (Mishler, 2002) disjuntor de dois passados distintos para o narrador personagem; ii) os modos como os narradores tendem a apresentar-se sob uma luz favorável a si mesmo e a suas famílias a partir de avaliações explícitas ou implícitas no modo de organizar sua falas. A criticidade de José e Jorge e a fragilidade emocional de Lúcio são construções identitárias consistentes com essa estratégia; iii) as escolhas linguístico-discursivas que conduzem a “mitigação da agência”, estratégia que transfere, no plano da narrativa, a responsabilidade criminal para o evento disruptivo.

Através desses três pontos, o desvio vai sendo construído como uma condição inescapável, para a qual um indivíduo não teria escolha. A identidade desviante, implicada nessa construção, vai sendo ressignificada, perante a audiência, pela substituição dos símbolos estigmatizantes por outros de valor social positivo, porque apoiados nas ideias de opressão e vitimização social compartilhados pelos participantes.

A terceira abordagem analítica, presente no capítulo 8, esteve apenas esboçada e antecipou, em momento anterior a estas considerações finais, a apresentação dos encaminhamentos futuros da pesquisa. Seu propósito consistiu em extrapolar as reflexões de ordem micro-analítica em direção a um mapeamento dos diferentes discursos e visões de mundo que habitam as narrativas de adesão ao tráfico, bem como as conjunturas sócio-históricas a que ele responde e que pretende recriar.

Entendendo, então, o discurso prisional como parte de “embates discursivos” que procuram legitimar sentidos sobre o que é ser desviante, foi possível caracterizar preliminarmente essas narrativas como versões deslegitimadoras de crenças generalizantes sobre criminosos e seus

comportamentos especialmente pelo tanto que parecem engajadas na construção de versões discursivas alternativas para a existência de seus personagens.

Limitações e Contribuições

O que se pôde produzir nesta tese em termos de análise está obviamente limitado pelas condições em que foi realizada a pesquisa. Nosso acesso ao campo foi restrito e sujeito a limitações de várias ordens (cf. capítulo 4). Por essa razão, não pude oferecer uma etnografia precisa do grupo aqui tomado como objeto. Em todo caso, conforme reflexão presente no capítulo 5, a limitação dos encontros espaçados e vigiados foi, aqui, e em perspectiva interacional, tomada como dado analisável. A partir da constatação das formas como tais condições informaram, de múltiplas maneiras, a construção dos dados, complexificando a estrutura de participação do encontro, foi possível tornar visíveis as marcas do encontro misto, cujo reconhecimento rendeu boa parte das ideias aqui presentes.

De modo mais geral, a contribuição que este trabalho pode vir a oferecer está no olhar sistemático que se procurou lançar sobre a organização discursiva das narrativas sobre desvio, que, quero crer, enriquece a construção do conhecimento sobre quem são esses indivíduos, o que são as prisões e como se define o crime por uma outra perspectiva.

Quando as pesquisas sociológicas, por exemplo, localizam as causalidades da adesão ao tráfico na falta de oportunidade, na luta de classes ou na estrutura familiar, estão embutindo nas histórias de vida dos sujeitos uma razão que lhes é exterior; que é atribuída pelo pesquisador. Entretanto, como nos lembra Santos (2007), cabe questionar tal atitude epistemológica pelo tanto que esta se baseia em categorias reducionistas e dicotômicas cegas à riqueza de outras fontes de conhecimento distantes do núcleo intelectual hegemônico. Para o autor, os saberes científicos devem poder dialogar com as epistemes que emergem das minorias, buscando completude na diversidade.

Sendo assim, ao explorar os mecanismos de construção dos sujeitos apenas em suas falas, pondo à prova, como diz Becker (2007), o privilégio dos sociólogos sobre as representações sociais, está-se buscando compreender um grupo social a partir de como seus próprios integrantes se veem nele,

extrapolando as diagnoses fechadas e rompendo os estigmas etnocêntricos que os estereotipam.

Viabiliza-se, assim, a construção de uma explicação cultural que abarque a complexidade e singularidade de um grupo que instituiu uma prática ilegal como parte da normalidade de suas relações; que construiu relações muito menos óbvias que a divisão maniqueísta essencializada entre o bem e o mal. A análise das narrativas de José, Jorge, Lúcio, além dos demais que estiveram de fora das seleções realizadas para este espaço de apresentação, mostra como suas trajetórias, conforme formuladas por eles mesmos, funcionam como metonímia para a identidade desviante – múltipla e contraditória, como não poderia deixar de ser. Ora passiva, ora agentiva, seus desdobramentos mostram o modo como uma imagem estigmatizada pode ser reescrita e conformada a uma ordem do “normal” pelos seus próprios protagonistas.